

A influência da escrita na pronúncia do português falado por japoneses

(The influence of writing on the pronunciation of Portuguese spoken by Japanese)

Gustavo Massami Nomura¹

¹Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Universidade de São Paulo (USP)

gustavonomura@usp.br

Abstract: This study aims to observe the production of complex syllable structures, with a consonant in complex onset or coda, by Japanese learners of Portuguese in the city of São Paulo. Among the problems found, there is the insertion of the vowel [u] instead of [i] when the word presents graphically the consonants /d/, /t/, /b/ e /p/ in final syllable position, although it is possible for Japanese to pronounce these consonants with [i]. Furthermore, the consonant /l/ in final syllable position can be pronounced as the glide [w], which is possible in Japanese. However, they rhotacize the consonant and insert the vowel [u] for the CVC syllable to be resyllabified into two CV syllables. The results show that some of the pronunciation problems cannot be explained by the word orthoepy but by the orthography.

Keywords: L2 phonology; Portuguese as L2; Japanese phonology; syllable acquisition

Resumo: Este estudo tem por objetivo observar a produção de estruturas silábicas complexas, com a consoante na posição de ataque complexo ou coda, por falantes japoneses em processo de aprendizagem da língua portuguesa na cidade de São Paulo. Entre os desvios encontrados, está a inserção da vogal [u] em vez de [i] quando a palavra apresenta graficamente as consoantes /d/, /t/, /b/ e /p/ em final de sílaba, apesar de a pronúncia dessas consoantes com a vogal /i/ ser possível na língua japonesa. Além disso, a consoante /l/ em final de sílaba pronunciada como a semivogal [w] também seria possível em japonês. No entanto, o que se observou foi a rotacização da consoante /l/ e a epêntese da vogal [u] para que a sílaba CVC fosse ressilabificada em duas sílabas CV. Isso mostra que alguns dos desvios não podem ser explicados se considerada a ortoépia da palavra, mas a sua ortografia.

Palavras-chave: fonologia de L2; português como L2; fonologia do japonês; aquisição silábica

Introdução

De acordo com dados divulgados em 2009 pelo Ministério do Trabalho e Emprego, o Brasil abrigava 128.090 estrangeiros de nacionalidade japonesa. Número suficiente para classificar o Brasil como o país com a maior comunidade de origem japonesa fora do Japão.¹ No entanto, há poucos estudos sobre o ensino de português para japoneses. Trabalhos nessa área seriam extremamente relevantes para auxiliar os professores interessados em lecionar português para esse público. Este trabalho, nesse sentido, vem ser um estudo de caso realizado com japoneses em processo de aprendizagem da língua portuguesa.

Este artigo tem por objetivo observar a possibilidade de haver influência da grafia das palavras na pronúncia do português falado por aprendizes japoneses nos casos em que os desvios não podem ser explicados quando se considera a pronúncia da palavra por falantes nativos. Os dados aqui apresentados foram coletados originalmente não para

¹ Dados disponíveis no *site* <<http://portal.mte.gov.br/imprensa/hoje-e-dia-nacional-da-imigracao-japonesa.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2012.

observar a influência da escrita na pronúncia, mas os desvios causados pela diferença de estrutura silábica entre L1 e L2. No entanto, alguns dos problemas encontrados podem ter sua ocorrência explicada quando levada em consideração a ortografia da palavra e não sua ortoépia. Não se pretende, desta forma, que este trabalho seja uma resposta definitiva sobre o assunto, mas apenas um estudo de caso.

Primeiramente, será apresentada a noção de sílaba utilizada neste trabalho; depois, serão apresentados os sistemas fonológicos da língua portuguesa e japonesa; seguido de uma breve noção de transferência linguística de acordo com os modelos de Análise Contrastiva e Interlíngua; e, por fim, serão apresentados os desvios encontrados com as respectivas análises.

Fundamentos teóricos

Representação da sílaba na fonologia autosegmental

Como destaca Goldsmith (2011), a sílaba é uma das construções mais antigas nos estudos de linguagem e a maioria das teorias em fonologia tem um lugar para a sílaba. O autor destaca, por exemplo, a importância da noção de sílaba na reconstrução dos sons da língua protoindo-europeia no século XIX. Apesar de ser uma noção antiga, Nespor e Vogel (1986) destacam que, na fonologia gerativa, apenas em meados da década de 1970, a sílaba é aceita como unidade fonológica.

Na fonologia autosegmental (SELKIRK, 1982), propõe-se que há uma organização hierárquica da sílaba com as categorias Ataque (A) e Rima (R), que pode se dividir em Núcleo (N) e Coda (Co). O Núcleo é a única categoria obrigatoriamente preenchida e, como destaca Silva (2009), no português associa-se a unidades V. Seguindo a estrutura proposta pela teoria, temos a seguinte representação para a palavra ‘professor’:

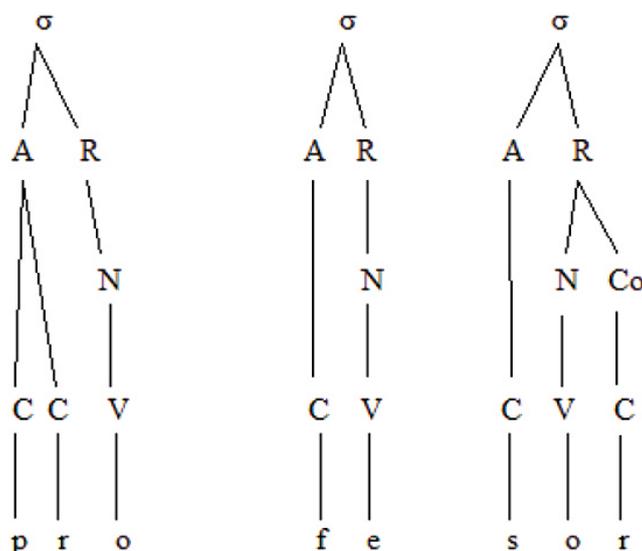


Figura 1. Representação silábica da palavra professor

Na Figura 1, vemos o exemplo de três das estruturas silábicas possíveis na língua portuguesa: a primeira sílaba possui duas consoantes ocupando a posição de ataque, a

qual chama-se ataque complexo; a segunda possui a estrutura básica CV, e a terceira possui uma consoante na posição de coda. Como veremos adiante, a língua japonesa não permite as estruturas CCV e CVC em final de palavra na sua fonologia.

O sistema fonológico da língua portuguesa

Conforme proposto por Ferreira Netto (2001), Jubran (2004) e Cristóvão Silva (2009), pode-se chegar ao seguinte quadro fonológico das consoantes da língua portuguesa:

Quadro 1. Consoantes da língua portuguesa

	oclusivas	fricativas	vibrante múltipla	vibrante simples	lateral	glide	nasal
bilabial	p b						m
labiodental		f v					
dental	t d						n
alveolar		s z	r	ʀ	l		ɲ
palatal		ʃ ʒ			ʎ		
velar	k g						
glotal							

Da mesma forma, chega-se a sete vogais do português:

Quadro 2. Vogais da língua portuguesa

	anterior	central	posterior
fechada	i		u
semifechada	e		o
semiaberta	ɛ		ɔ
aberta		a	

Entre os casos relevantes de alofonia, podemos destacar a realização de /d/ como a africada [dʒ] diante de /i/ e /j/ e como [d] nos demais ambientes. Por exemplo, [ˈde.do] e [ˈdʒi.kə].

A contraparte surda /t/ também é realizada como a africada [tʃ] diante de /i/ e /j/ e realiza-se [t] nos demais ambientes, como [ˈtʃi.ro] e [ˈtɛ.to].

A língua portuguesa possui uma ampla variedade de possibilidades silábicas. No Quadro 3, são listadas as sílabas possíveis na língua portuguesa:

Quadro 3. Estruturas silábicas da língua portuguesa

tipos de sílaba	exemplos
V	/a.ba.ka.ˈʃi/
CV	/ˈkɔ.la/
CVC	/ceɾ.ˈte.za/
CCV	/ˈpra.to/
VC	/es.ˈkɔ.la/
CVCC	/peɾs.pi.ˈcaz/
CCVC	/ʃa.ˈdres/
CCVCC	/tɾɜ̃Ns.ˈpoɾ.te/
VG	/ˈoʃ.to/
VGC	/ˈeʃs/
CVG	/ˈbej.ʒo/
CCVG	/ˈtrow.ʃa/
CVGC	/ˈmajs/
CCVGC	/vi.ˈtɾajs/

No caso das sílabas com uma consoante pré-vocálica, Cristóvão Silva (2009) observa que /ɲ, ʎ, r/ somente podem ocorrer em posição intervocálica, ou seja, essas consoantes não podem ocorrer em início de palavra e a sílaba anterior deve terminar com uma vogal oral. Há duas exceções: ‘nhoque’ e ‘lhama’. Trata-se, no entanto, de empréstimos e há possibilidade de pronunciá-las como ‘[i]nhoque’ e ‘[i]lhama’.

Em relação às sílabas com duas consoantes pré-vocálicas, a autora observa que a primeira consoante deve ser uma obstruinte (/p, b, f, v, t, d, k, g/) e a segunda uma líquida (/l, r/). O encontro consonantal /dl/ não ocorre em português e /vl/ só ocorre em nomes próprios (Vladimir, Vladimir). O encontro /vr/ e /tl/ não pode acontecer no início da palavra, mas é encontrado em algumas palavras, como li/vro/ e a/tlas/.

A posição pós-vocálica da sílaba pode ser ocupada pelas consoantes /S, R, l, N/. Quando há duas consoantes pós-vocálicas, a segunda posição deve ser obrigatoriamente preenchida por /S/.

A fonologia da língua japonesa

De acordo com Vance (1987), o quadro das consoantes da língua japonesa levando-se em consideração o dialeto padrão é o seguinte:²

² A língua japonesa considerada padrão corresponde ao dialeto utilizado na região da capital Tóquio. É a língua ensinada na escola e utilizada na televisão ou em comunicações oficiais.

Quadro 4. Consoantes da língua japonesa

	oclusivas	fricativas	vibrante múltipla	vibrante simples	lateral	glide	nasal
bilabial	p b						m
labiodental							
dental	t d						n
alveolar		s z		r			
palatal		ʃ ʒ				j	
velar	k g					w	
glotal		h					

Pode-se observar que mesmo as consoantes que não fazem parte do sistema fonológico do português podem ser encontradas na fala de algumas regiões do Brasil, como é o caso da fricativa glotal /h/, encontrada em algumas variantes como o diletante mineiro. Em relação às vogais, há cinco na língua japonesa:

Quadro 5. Vogais da língua japonesa

	anterior	central	posterior
fechada	i		u
semifechada	e		o
aberta		a	

Como pode ser observado, com exceção da vogal /u/ produzida de forma não arredondada, as demais vogais também são encontradas na língua portuguesa.

Há alguns casos de alofonia que devem ser destacados. O fonema /s/ antes da vogal /i/ será realizado como o alofone palatal [ʃ]. Nos demais ambientes, permanecerá como [s]. Como no caso de [sa.ʃi.'mi] 'peixe cru', no qual podemos ver a pronúncia [s] diante de /a/ e [ʃ] diante de /i/.

Os fonemas /t/ e /d/ são assim pronunciados antes das vogais /a/, /e/ e /o/. Antes da vogal /i/, assim como em português, serão pronunciados respectivamente [tʃ] e [dʒ]. Antes de /u/ se realizarão como [ts] e [dʒ]. Por exemplo, [ta.'ku] 'cozinhar', [tʃi.'ga.u] 'estar errado' e [tsu.'ku] 'pegar' e a contraparte vozeada [da.'su] 'tirar', [dʒi.do.ri] 'galinha' e [bin. dzu.'me] 'conserva em lata'.

O fonema /z/ diante da vogal /i/, assim como /d/ também será pronunciado [dʒ] e diante de outras vogais se realizará como [dz]. Por exemplo, [dʒi.'kan] 'horário' e [dze.'hi] 'sem falta'.

O fonema /h/ diante de /u/ sofrerá anteriorização e se realizará como a fricativa labiodental [f]. Diante das demais vogais manterá a pronúncia glotal [h]. Por exemplo, [ha.na.'bi] 'fogos de artifício', [he.i.'a] 'sala', [hi] 'sol', [hon] 'livro' e [fu.'ne] 'navio'.

Itô (1987) propõe seis possibilidades de realizações silábicas na língua japonesa conforme pode ser observado no Quadro 6.

Quadro 6. Estruturas silábicas da língua japonesa

tipos de sílaba	exemplos
V	/i.ke.'ba.na/
CV	/ka.mi.'ka.ze/
CVC	/gak.'ko/
CVn	/kam.'pa.i/
CVV	/kaj.'soo/
CVVC	/toot.'te/

Nos casos em que há sílabas fechadas CVC ou CVVC, observa-se que todas essas sílabas são fechadas por consoantes geminadas. Assim, essa estrutura silábica não pode ocorrer em final de palavra, ou seja, a palavra /gak.ko/ é possível, mas não uma palavra como /gak/ ou /ko.gak/. Também não pode ocorrer se a sílaba seguinte não iniciar com a mesma consoante, portanto, /gak.po/ não seria uma palavra permitida pela fonologia da língua japonesa.

Em relação a estruturas silábicas não permitidas na fonologia da língua, Itô e Mester (1995) mostram que na incorporação de empréstimos de palavras do inglês, os japoneses recorrem a duas estratégias: inserção vocálica, como em 'festival' [fe.su.ti.ba.ruu], ou apagamento consonantal normalmente substituído por alongamento vocálico, como em 'party' [paa.tii].

Aquisição de L2

Um dos modelos que surge para explicar a aquisição de L2 é o da Análise Contrastiva (AC). De acordo com Lado (1957), traços diferentes entre L1 e L2 são difíceis de serem aprendidos e traços semelhantes são fáceis. O contraste entre as duas línguas serve, dessa forma, para prever quais estruturas de L2 seriam mais fáceis ou mais difíceis de se aprender. Nemser (1971) diz que sempre haverá transferência da L1 para a L2. Essa transferência pode ser positiva, quando há utilização produtiva da L1 no desempenho da L2, ou negativa, quando há um efeito inibidor na aprendizagem da L2 devido aos hábitos da L1. Neste caso, também pode ser classificada como interferência. No nível fonético-fonológico, Lado (1957) afirma que, ao aprendermos uma L2, tendemos a transferir nossos fonemas e suas variantes, nossos padrões de acentuação e ritmo e nossa acentuação.

A transferência também é a principal característica do modelo de interlíngua (IL), segundo Selinker (1972). Pode haver transferência linguística no emprego de elementos, regras e subsistemas da IL que procedem da L1 do aprendiz. No entanto, diferentemente da proposta da Análise Contrastiva, postula-se também a transferência de instrução, relacionada aos elementos identificáveis nos processos de ensino/aprendizagem a que os aprendizes são submetidos. Também pode haver transferência intrusiva, quando há uso consciente da L1 na L2 como forma de suprir uma carência que o próprio aprendiz identifica, e a transferência criativa, quando o aprendiz cria unidades lexicais com fragmentos de vocábulos/ estruturas fixas de L1 e L2.

Pesquisa

A primeira parte da pesquisa consistiu na gravação da leitura de trinta palavras com três informantes japoneses estudantes de português na cidade de São Paulo há cerca de seis meses. A eles foi apresentada uma lista de palavras descontextualizadas que eles deveriam ler em voz alta. Os dados apresentados neste artigo referem-se aos erros de apenas um dos informantes.

A segunda parte da pesquisa consistiu na gravação de fala espontânea durante uma aula de português na cidade de São Paulo. Ao professor coube apenas iniciar a conversa com uma pergunta sobre como havia sido o fim de semana e depois disso deixou-se que a conversa fluísse livremente sem um tópico específico ou direcionado. Para este artigo, foram selecionados dados de três informantes japoneses residentes no Brasil há no mínimo 2 anos.

Leitura de palavras

Abaixo, destacam-se alguns dos desvios encontrados durante a leitura das palavras:

- (01) as [ˈa.su]
- (02) meses [ˈme.ze.su]
- (03) ser [ˈse.ru]
- (04) autor [aw.ˈto.ru]
- (05) frete [fu.ˈrɛ.ʃi]
- (06) criará [ku.ri.a.ˈra]
- (07) atleta [a.tu.ˈrɛ.tɛ]
- (08) blefe [bu.ˈrɛ.fi]

Nos desvios descritos acima, foi utilizada a inserção vocálica para simplificação silábica. Nas sílabas CVC, houve a inserção da vogal /u/ após a coda silábica quando esta posição foi ocupada por /s/, como em (01) e (02); ou /r/, como em (03) e (04). Nas sílabas do tipo CCV, também houve a inserção da vogal /u/ no ataque complexo, dividindo-a em duas sílabas CV, como se observa nos casos de (05) a (08). Quando a segunda posição de ataque estava ocupada pela consoante /l/, como em (07) e (08), houve ainda a rotacização do [l] em [r], possivelmente por não haver consoantes líquidas laterais na língua japonesa. Em todos os casos, pode-se observar que não há deslocamento do acento primário em relação à sílaba que ele originalmente acompanha. Por exemplo, em (02), a palavra paroxítona tornou-se proparoxítona para que o acento se mantivesse na sílaba [me].

- (09) advogado [a.du.vo.ˈga.du]
- (10) pacto [ˈpa.ku.to]
- (11) ritmo [ˈhi.to.mo]
- (12) adquiriu [a.do.ci.ˈriw]
- (13) solstício [so.rus.ˈʃi.siw]

- (14) calculadora [ka.ru.ku.ra.'do.rɐ]

Como pode ser observado nos desvios de (09) a (14), o processo de inserção vocálica e ressilabificação ocorreu mesmo nas palavras que poderiam ser pronunciadas em japonês. Nas palavras de (09) a (12), os brasileiros inserem a vogal [i], para não ocorrer de a coda ser preenchida por uma consoante que não pode ocupar essa posição. Com a inserção da vogal, a consoante que estaria em coda passa a ser ataque da sílaba seguinte e não deveria oferecer dificuldade para a pronúncia de um falante japonês. Em (09), uma pronúncia possível seria [a.dʒi.vo.'ga.du], com isso a sequência silábica se inicia com uma sílaba V e segue com quatro sílabas CV. Não há, na pronúncia, nenhuma sílaba com consoante em coda. No entanto, ao observar a palavra 'advogado' escrita, o falante estrangeiro pode ter a impressão de que 'ad' se trata de uma sílaba com consoante em coda. Em (10), apesar de a palavra aparentemente ter a primeira sílaba CVC 'pac', a palavra é pronunciada pelos brasileiros como ['pa.ci.tu], com três sílabas CV. O mesmo pode ser dito em relação a (11) com a pronúncia ['hi.ʃi.mu] e em (12) com [a.dʒi.ci.'riw]. Nesses dois últimos casos, o falante japonês optou pela inserção da vogal [o] em vez de [u] por não haver na fonologia do japonês as combinações [tu] e [du]. No entanto, essa escolha não ocorreu em todos os casos, como se observa em (09).

O outro caso que não ofereceria dificuldade para um falante japonês é o da consoante /l/ que, na posição de coda, é pronunciada pelos paulistanos como a semivogal [w], som que também existe em japonês. Mesmo assim, como se observa em (13) e (14), o falante japonês, ao verem a consoante 'l' escrita, optou pela inserção da vogal [u] da mesma forma como fizeram com as outras consoantes que ocupavam posição de coda. Além disso, houve a rotacização do /l/ como nas outras palavras em que essa consoante ocupa a posição de ataque.

Fala espontânea

Abaixo, estão alguns dos desvios encontrados durante a gravação da fala espontânea:

- (15) lugar [ru.'ga.ru]
(16) dizer [dʒi.'ze.ru]
(17) jantar (s.m.) [dʒɛ̃.'ta.ru]
(18) muitas ['muɰj.tɛ.su]
(19) Liberdade [ri.be.ru.'da.dʒɪ]
(20) português [po.ru.to.'ges]
(21) normal [no.ru.'maw]
(22) virtual [vi.ru.tu.aw]

Assim como na pesquisa feita com a leitura de palavras, na fala espontânea foi recorrente a paragoge de [u] após a consoante em coda de uma sílaba CVC, tanto quando a sílaba ocupa a posição final de uma palavra, como ilustram os exemplos de (15) a (18), quanto na posição medial de uma palavra, como ilustrado nos casos de (19) a (22). As produções em (21) e (22) mostram o /l/ sendo pronunciado como [w] no final da palavra sem que haja ressilabificação.

Além da inserção vocálica, outra estratégia utilizada foi o apagamento da consoante em coda, como ilustram os casos de (23) a (27):

- (23) verdura [ve.ˈdu.ra]
- (24) verdade [ve.ˈda.dʒɪ]
- (25) porque [pu.ˈke]
- (26) carne [ˈka:.nɪ]
- (27) mesmo [ˈme.mu]

Nesses casos, houve somente o apagamento da vogal em coda com exceção de (26), que também apresentou o alongamento da vogal.

No caso das sílabas com ataque complexo, do tipo CCV, observaram-se os mesmos erros da primeira parte da pesquisa, como ilustram os casos de (28) a (30):

- (28) trabalhou [tu.ra.bɐ.ˈɫow]
- (29) claro [ku.ˈra.ru]
- (30) reflete [xe.fu.ˈrɛ.ʃi]

Houve a inserção da vogal [u] entre as duas consoantes que ocupam a posição de ataque, ou seja, uma sílaba CCV torna-se duas sílabas CV. Além disso, observa-se a rotacização de /l/ quando este ocupa a segunda posição de ataque.

Mais uma vez, ocorreram erros que apenas poderiam ser explicados se for considerada a grafia da palavra, como se observa nas palavras abaixo:

- (31) futebol [fu.ʃi.ˈbo.ru]
- (32) igual [i.ˈgwa.ru]
- (33) bolsa [ˈbo.ru.sɐ]
- (34) calma [ˈka.ru.mɐ]
- (35) Sílvia [ˈʃi.ru.bjɐ]
- (36) recepcionista [xe.se.pu.sjo.ˈnis.tɐ]

Apesar da produção do /l/ em coda como [w] em (21) e (22), na pronúncia apresentada em (31) até (35), há rotacização da consoante e acréscimo da vogal [u] para que a sílaba CVC seja ressilabificada em duas sílabas CV. Isso ocorreu tanto quando a sílaba aparece na posição final da palavra, como em (31) e (32), quanto na posição medial, como em (33), (34) e (35). A palavra em (35) mostra ainda outros processos fonológicos ocorrendo, como a palatalização do /s/ antes da vogal /i/, processo fonológico que ocorre na L1 desse falante, e a bilabialização da consoante /v/, que não faz parte do sistema fonológico da língua japonesa.

A palavra em (36) mostra ainda um caso em que os falantes brasileiros realizariam a inserção da vogal [i] após a consoante /p/, pronunciando [xe.se.pi.sjo.ˈnis.tɐ], mas o falante estrangeiro opta pela epêntese da vogal [u]. Nesse caso, o provável *input* a que o

falante foi exposto não foi oral, pois não haveria dificuldade para repetir a palavra [xe.se.pi.sjo.'nis.tɐ], mas provavelmente foi escrito e ao se deparar com a grafia 'repcionista', em que a consoante 'p' parece ocupar uma posição de coda silábica, o falante aplicou o mesmo processo utilizado para outras consoantes que aparecem nessa posição.

Considerações

Os dados apresentados mostram que há influência da L1 do aprendiz na produção de L2, como postulavam a Análise Contrastiva e o modelo de Interlíngua. No entanto, alguns desses erros não podem ser explicados considerando-se apenas as diferenças entre os sistemas fonológicos de ambas as línguas. A proposta de análise deste artigo para esses casos mostrou que é possível justificar os desvios que não podem ser explicados pela ortoépia pela ortografia da palavra.

Selinker (1972) fala sobre a possibilidade de haver transferência de instrução de acordo com o modelo de Interlíngua. Desta forma, é possível criar a hipótese de que, entre os fatores que influenciam na aquisição e produção de L2, está o processo de ensino/aprendizagem a que esse falante foi submetido. Este artigo, por ser apenas um estudo de caso, não permite afirmar que há influência da escrita na pronúncia e que isso é causado pela forma de instrução a que os aprendizes são submetidos com exposição precoce à palavra escrita. Um estudo específico nesse sentido ainda precisa ser feito.

REFERÊNCIAS

- CRISTÓFARO SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- FERREIRA NETTO, W. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.
- GOLDSMITH, J. A. The syllable. In: GOLDSMITH, J. A.; RIGGLE, J.; YU, A. C. L. (Ed.). *The handbook of phonological theory: second edition*. Oxford: Blackwell, 2011. cap. 6, p. 167-196. Disponível em: <<http://hum.uchicago.edu/~jagoldsm//Papers/syllables.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2011.
- ITÔ, J. *Syllable theory in prosodic phonology*. 1986. 228 f. Tese (Doutorado em Filosofia, PhD) - University of Massachusetts, Cambridge, 1987.
- ITÔ, J.; MESTER, R. A. Japanese phonology. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 817-838.
- JUBRAN, S. A. C. *Árabe e português: fonologia contrastiva com aplicação de tecnologias informatizadas*. São Paulo: Edusp/Fapesp/CEAr, 2004.
- LADO, R. *Linguistics across cultures: applied linguistics for language teachers*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1957.

NEMSER, W. Approximative System of Foreign Language Learners. *International Review of Applied Linguistics*, Berlin, v. 9, n. 2, p.115-123, 1971.

NESPOR, M.; VOGEL, I. The syllable and the foot. In: _____. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986. p. 61-108.

SELKIRK, E. O. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, 1982. v. 2, p. 337-383.

SELINKER, L. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, Berlin, v. 10, p. 209-231, 1972.

VANCE, T. J. *An introduction to Japanese phonology*. Albany, NY: State University of New York Press, 1987.